

TEATRO, EDUCAÇÃO E SENSIBILIDADES¹

Karine Ramaldes (Universidade Federal de Goiás – UFG)²

RESUMO

A partir da pesquisa bibliográfica, relacionada com a prática pedagógica no ensino de teatro, este artigo reflete sobre o lugar das sensibilidades na educação. O caminho traçado perpassa a relação entre sensibilidades e memória, que consta no processo da aprendizagem a partir da experiência significativa, compreendendo que a experiência somente será significativa se afetar, se marcar o sujeito. Pelo caminho do afeto, que envolve as sensibilidades, a experiência transforma-se em memória, que se inter-relaciona com experiências passadas, em um caminho contínuo da construção do conhecimento. A reflexão segue trazendo a relação entre sensibilidades e racionalidades, em uma perspectiva em que ambas caminham juntas, são indissociáveis, pautada na ideia concreta de que o sujeito inserido no processo de ensino/aprendizagem tem pertencente a ele corpo e mente, que não podem ser ignorados ou dicotomizados. Na perspectiva abordada, as sensibilidades podem e devem ser trabalhadas por qualquer área do conhecimento. Porém, elas são inerentes ao ensino do teatro e da arte em geral, que traz em seus processos de elaboração a relação intrínseca entre sensibilidades e racionalidades.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino do teatro; sensibilidades; educação; experiência significativa

ABSTRACT

Based on bibliographical research, related to the pedagogical practice in theater teaching, this article reflects on the place of sensibilities in education. The path traced runs through the relationship between sensitivities and memory, which is part of the learning process based on the significant experience, understanding that the experience will only be significant if it affects, if it marks the subject. Through the path of affection, which involves sensibilities, experience is transformed into memory, which is interrelated with past experiences, in a continuous path of knowledge construction. The reflection goes on bringing the relationship between sensibilities and rationality, in a perspective in which both walk together, are inseparable, based on the concrete idea that the subject inserted in the teaching/learning process has body and mind belonging to him, which cannot be ignored or dichotomized. In the perspective approached, sensitivities can and should be worked on by any area of knowledge. However, they are inherent to the teaching of theater and art in general, which brings in its elaboration processes the intrinsic relationship between sensibilities and

¹ Este artigo é uma versão atualizada do artigo: *Qual é o lugar das sensibilidades na educação?*, publicado no livro: SANTOS, Nádia Maria Weber; CAMARGO, Robson Corrêa de. (orgs.). **Performances Culturais: Memórias e Sensibilidades**- Volume 1. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

² Atriz, professora efetiva da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Goiás, doutora em Performances Culturais (UFG), coordenadora do Projeto de Pesquisa PedagogiaS do Teatro e da Arte (UFG), coordenadora do Projeto de Extensão Teatro & Educação em Foco (UFG). Autora junto a Robson Corrêa de Camargo do livro: *Os Jogos Teatrais de Viola Spolin: Uma Pedagogia da Experiência*. Goiânia: KELPS, 2017.

rationalities.

KEYWORDS

Theater teaching; sensitivities; education; significant experience

Parto do princípio de que, no contexto da educação, as sensibilidades podem e devem ser trabalhadas em qualquer área do conhecimento, porém, elas são inerentes ao ensino do Teatro, inserido na área de conhecimento denominado Ensino da Arte³. Esta área do conhecimento, traz em seus processos de elaboração a relação intrínseca entre sensibilidades e racionalidades. Essa especificidade do teatro e da Arte em geral, permite ao sujeito a organização de ideias sensíveis em produtos simbólicos, ideias que muitas vezes não são possíveis de serem organizadas a partir da linguagem verbal (discurso). Desse modo, a Arte na Educação permite uma visão mais ampla dos processos de simbolização do ser humano, contribuindo significativamente para a formação integral do sujeito.

As reflexões aqui descritas, são frutos de análises que me acompanham desde os meus primeiros anos como professora de Teatro da Educação Básica, ou seja, há mais de 10 anos. Neste período, tenho constatado que, cada vez mais, a Educação não tem dado lugar às sensibilidades, priorizando um ensino anestésico, mecânico e deslocado da realidade, de modo que pouco significa para os educandos. Mas, se o ser humano é constituído também por sensibilidades, por que não as considerar na Educação, já que esta trabalha (ou pretende trabalhar) com a formação integral do sujeito?

A resposta me parece ser: porque dar lugar às sensibilidades é dar lugar à criação, à invenção, ao pensamento sensível, à subjetividade, ao questionamento, à expressão, ao novo olhar. E não é isso que a Educação que se configura na contemporaneidade vem buscando. Basta a ela que os educandos saibam ler, escrever e contar do modo mais automático e mecânico possível, elevando, assim, o número de alfabetizados diante do panorama mundial.

Trabalhar com as sensibilidades na Educação é trabalhar com a experiência significativa, ou seja, a experiência no sentido deweyano, a experiência que afeta, que

³ A palavra Arte aparece com “a” maiúsculo para demarcá-la como área do conhecimento e não como forma de elitização da arte. Apesar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trazer a Arte como um dos componentes curriculares da área de conhecimento Linguagens, compreendo a Arte como uma área de conhecimento específica, com os seus componentes curriculares próprios, que devem ser trabalhados por profissionais licenciados na sua linguagem artística de formação: Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro.

toca, que marca, que se torna memória. Outra pergunta surge então: educação e memória não caminham juntas? Acredito que educação, experiência e memória caminham juntas, pois a memória na Educação deve ser a que ocorre organicamente, a partir das experiências significativas, e não uma memória mecânica, forçada pelo processo de “decoreba”. Como afirma Jô Gondar (2016, p. 38), psicanalista e professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO): “não existem, contudo, memórias fora de um contexto afetivo”. Desse modo, as memórias que ficam são as que nos afetam, as que envolvem as sensibilidades, as que envolvem o educando no ato, na experiência do ensino/aprendizagem. Por conseguinte, a memória que a Educação deve priorizar é esta última, originada na experiência significativa.

O filósofo e pedagogo pragmatista norte-americano John Dewey (1859-1952)⁴, em seu livro *Educação e Experiência*, publicado pela primeira vez em 1938, intitulado originalmente como *Experience and Education*, defende a ideia central de que a experiência educativa envolve continuidade e interação entre quem aprende e o que é aprendido (experiência em ato). Esses princípios de continuidade e de interação são a base de toda experiência significativa, pois Dewey afirma que a experiência é um produto da interação contínua entre indivíduo e meio vivido, entre fazer (*doing*) e sentir (*receiving*). Dewey afirma, ainda, que “o princípio de continuidade de experiência significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (DEWEY, 1971 [1938], p. 26). Na Educação, ocorre da mesma forma: para que uma experiência seja significativa, o educando deve interagir experiência passada (memórias) com experiência presente, modificando ambas, logo, ampliando seu campo de conhecimento a partir dessas múltiplas relações entre suas experiências. Um caminho profícuo de construção do conhecimento está neste *continuum* das experiências.

Todo indivíduo é formado por subjetividades e memórias. Não é possível separar o indivíduo em racional/objetivo para os fins educacionais, deixando o sensível/subjetivo de lado. O indivíduo é esse todo formado por objetividade, subjetividade, racionalidade, sensibilidade, memórias afetivas. O processo de construção do conhecimento abrange todo esse material que está sempre interagindo

⁴ Uma análise mais aprofundada sobre o conceito de experiência de John Dewey é realizada no livro de minha autoria, junto a Robson Corrêa de Camargo, intitulado: *Os Jogos Teatrais de Viola Spolin: uma Pedagogia da Experiência*. Goiânia: Kelps, 2017.

com a experiência presente para formar uma nova experiência. A experiência contínua leva a um desenvolvimento intelectual e sensível. Gondar (2016, p. 1) afirma que: “[...] só podemos articular fatos, fenômenos e atos/ações a partir do movimento relacional da memória”. Ou seja, a articulação do conhecimento, da apropriação, passa por esse movimento relacional da memória que articula experiências passadas com experiência presente, em um processo que inclui a relação entre sensibilidade e racionalidade.

A efetivação da educação significativa, baseada na experiência real do educando, acontece quando o professor percebe as experiências que os educandos trazem (suas subjetividades e sensibilidades), reconhecendo nas situações concretas quais circunstâncias e ambientes conduzem às experiências significativas. Dewey (1971 [1938], p. 33) afirma que a experiência somente será verdadeiramente experiência quando as condições objetivas se encontrarem subordinadas ao que ocorre dentro dos indivíduos (subjetividade) que passam pela experiência. Isto é, quando as questões objetivas estiverem subordinadas às questões subjetivas dos indivíduos, às suas sensibilidades. O educando precisa ser afetado por aquilo que é ensinado a ele, só assim conseguirá experienciar significativamente o que lhe está sendo apresentado.

O aprendizado deve ter relação com as condições reais da vida do educando para que faça sentido a ele. É perceptível, nos estudos de John Dewey, uma proposta de educação na qual as sensibilidades são essenciais para o processo da aprendizagem significativa. Em uma perspectiva que se aproxima à de Dewey, temos a pesquisadora, professora, historiadora e escritora brasileira Sandra Pesavento (1946-2009), pioneira nos estudos sobre sensibilidades no Brasil, que afirma:

Roland Barthes precisa bem a distinção e também o entrelaçamento entre o que chama o *studium* e o *punctum*. O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade. Já o *punctum* incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do *eu* com o mundo, refere-se ao que emociona, ao que passa pela experiência, pelas sensações. O *punctum* opera como uma ferida, é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes. Mas *studium* e *punctum* convivem, bem certo, são mesmo indissociáveis, uma vez que tudo o que toca o sensível é por sua vez, remetido e inserido à cultura e à esfera de conhecimento científico que cada um porta em si. (PESAVENTO, 2005, p. 2)

Pesavento busca, nos conceitos de *Studium* e *Punctum* de Roland Barthes, a relação necessária para a experiência significativa apontada por Dewey. Nossa

bagagem de conhecimento racional (*studium*), os saberes da cultura, está relacionada com nossas sensibilidades, subjetividades (*punctum*) em um movimento harmônico, como afirma Pesavento: “indissociáveis”. É nessa relação que se deve estabelecer o processo de ensino/ aprendizagem dentro das escolas, em uma relação harmônica e indissociável entre saberes da cultura e saberes sensíveis.

O ponto de afeto está na zona da experiência (aqui e agora), quando as sensibilidades se tornam memórias. Desse modo, as memórias surgem das experiências significativas; ou seja, das experiências que nos afetam, nos tocam, que estimulam nossas sensibilidades. Memórias de experiências significativas são recriadas a cada nova experiência, nesse transcurso entre criação e recriação das memórias, o conhecimento vai sendo construído, mesclado pelo cognitivo/sensível. É por meio da aprendizagem participativa que o educando se vê inserido no processo de construção do conhecimento.

No processo educacional, desenvolver as sensibilidades é tão importante quanto desenvolver a racionalidade, pois o ser humano é um sujeito uno, e não fragmentado. Ignorar as sensibilidades na Educação pode ser um grande risco, sim, de modo a prejudicar o caminho natural da construção do conhecimento. Pesavento (2005) afirma ainda:

Principiemos pelo entendimento da sensibilidade como uma outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo (PESAVENTO, 2005, p. 2).

Nas palavras de Pesavento, é possível perceber que as sensibilidades são anteriores à racionalidade, de modo que o sujeito, ao vivenciar uma experiência, primeiramente é afetado por essa experiência, a partir dos sentidos (tato, olfato, paladar, visão, audição). Logo, ao vivenciar uma experiência, o corpo todo fica atento aos estímulos que surgem da relação entre indivíduo e meio. Cada indivíduo tem percepções únicas nesta relação, mesmo que vivenciem a mesma experiência, pois a subjetividade de cada um conduz à múltiplas interpretações. Os vários sentidos do corpo humano, inseridos em uma experiência, levam o indivíduo a ser provocado por diferentes sensações, das quais algumas são elaboradas em percepções.

Muitas das percepções da experiência vivenciada são elaboradas pela

racionalização e pela reflexão enquanto a experiência é vivenciada (presente) e no momento após a experiência (passado) a partir das memórias da experiência. Assim, é fato que o desenvolvimento cognitivo está conectado ao desenvolvimento sensível, em que corpo sensível e corpo racional estão se relacionando o tempo todo, não podem ser dissociados. João Francisco Duarte Júnior, filósofo da educação da Universidade Estadual de Campinas, em sua tese de doutorado intitulada *O Sentido dos Sentidos: a Educação (do) Sensível* (2000), discorre sobre a centralidade do sensível no ato do conhecimento, desde a epígrafe até a última linha da tese, afirmando que nós percebemos o mundo também por meio dos órgãos dos sentidos, porém, o que tem vigorado no nosso sistema educacional é uma educação instrumental e anestésica.

Uma educação puramente racional, que nada ou pouco se relaciona com a subjetividade e com a sensibilidade do sujeito, torna-se mecânica, improdutiva, apática, desinteressante, desconexa, anestésica, dificultando o processo de ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, dificultando a elaboração do pensamento. Duarte Júnior (2000), ainda em sua tese, traz reflexões importantes sobre a relevância das sensibilidades na educação, entre elas, o autor aponta que, desde o século XX, um processo de *anestesia* vem se configurando na formação educacional. A Educação vem suspendendo toda a sensibilidade do seu processo de formação humana, tornando-se apática, enquanto o caminho deveria ser o inverso, a *estesia*, deveria, cada vez mais, estar presente na formação humana, estesia compreendida como a capacidade de perceber sensações, ligada à sensibilidade, ao estético.

No Brasil, em pleno século XXI, ainda prevalece um sistema educacional com fortes características da Educação Colonial, centrada em ensinar as operações básicas de leitura, de escrita e de contar. Essas características estavam presentes no sistema educacional do período que se estende do século XVI ao XIX. Porém, na contemporaneidade, a maioria das gestões educacionais em âmbito federal, estadual, municipal e privada continua priorizando uma educação que ensine ou treine – de modo automático e anestésico – a ler, escrever e contar, dando atenção tão prioritária a essas três operações que se acaba negligenciando a educação voltada para a formação integral do sujeito.

Ler, escrever e contar são operações importantes, muito importantes. No entanto, defendo que elas deveriam ser desenvolvidas em conexão com o mundo estético e sensível, levando o educando a não só decodificar letras e números, mas também a realizar a leitura crítica do mundo que o rodeia. Nesse contexto, educar para que o

sujeito reflita e atue no mundo a partir de diferentes pensamentos (filosóficos, artísticos, históricos, geográficos etc) torna-se tão relevante quanto ensinar português e matemática, com o ganho de que esse educando estará apto a inter-relacionar esses vários saberes na sua própria elaboração do pensamento.

Fica evidente, cada vez mais, a consolidação de uma Educação que não se importa com o processo reflexivo do sujeito, com a leitura de mundo, com a vida e suas múltiplas conexões. Todas as áreas do conhecimento interagem no processo de pensar, pois o mundo, a vida, em sua experiência concreta, estabelece uma dinâmica de inter-relação entre as várias áreas do conhecimento. O mundo vivido é a constante relação entre todas essas áreas e as sensibilidades do ser humano. Nessa conexão, entre vida e educação, Duarte Júnior (2000, p. 24) afirma:

[...] o que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. A vida cotidiana, com todo o saber nela encerrado e que a movimenta por entre as belezas e percalços do dia. A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento “verdadeiro”.

A Educação assim, em conexão com a vida experienciada em seu dia a dia, urge pelas sensibilidades inseridas em seu processo pedagógico. É importante que o educando se aproprie de todas as áreas do conhecimento de modo igualitário e em conexão com a sua própria vida. Bem, se a Educação fosse priorizada de modo qualitativo e equivalente em todas as áreas do conhecimento, teríamos as relações entre elas sendo operadas organicamente por professores e educandos, formando sujeitos capazes de ler, interpretar e atuar no mundo de forma abrangente e crítica. Restringir e priorizar apenas as ações de ler, escrever e contar limita o desenvolvimento do pensamento crítico dos educandos, levando-os a compreenderem as outras áreas do conhecimento como secundárias ou supérfluas, quando sabemos que não são. Na Educação, as sensibilidades devem ter lugar na conexão entre escola e realidade vivida para que os conteúdos ensinados possam estabelecer esse vínculo, conduzindo o educando a se identificar como sujeito participativo do processo de ensino/aprendizagem.

As sensibilidades estão presentes em todas as áreas do conhecimento da Educação, mas se destacam no campo de conhecimento Arte, pois, como afirma Duarte Júnior (2000, p. 25):

Quando está em pauta esse saber sensível encerrado pelo nosso corpo, essa estesia que nos orienta ao longo da existência, inevitavelmente o fenômeno artístico deve vir à baila — não nos esqueçamos que estesia e estética

originam-se da mesma palavra grega. Ou seja: é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. Situando-se a meio caminho entre a vida vivida e a abstração conceitual, as formas artísticas visam a significar esse nosso contato carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais através de nossa sensibilidade do que via o intelecto. A arte não estabelece verdades gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas e intensificadas perante nós.

Como assinala o autor, a Arte, e no contexto aqui analisado o Teatro, é um modo de significar o mundo, bem diferente da linguagem verbal (discursiva), mas tão importante quanto. A Arte, ainda hoje, é apresentada no sistema educacional como enfeite, adorno ou passatempo, portanto, desnecessária. Mas a Arte é uma das áreas do conhecimento que trabalha de modo mais incisivo a educação das sensibilidades. Para termos uma educação integral do sujeito, é fundamental trabalharmos o conhecimento racional e o conhecimento sensível; e à escola cabe esse papel, como afirma a pesquisadora e pioneira da Arte/Educação no Brasil, Ana Mae Barbosa (2010, p. 5):

Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte.

A Arte possui uma maneira própria de expressar ideias e sensibilidades de modo que a linguagem verbal não consegue fazê-lo. Muitas das sensibilidades que não podem ser expressas pela linguagem verbal podem ser organizadas e expressas na forma artística, na forma presentacional. Assim, a Arte apresenta um modo único de expressão humana necessário ao sujeito, uma expressão simbólica que nasce das sensibilidades do sujeito para se relacionar com diferentes outras sensibilidades dos leitores da obra artística. Nesse sentido, ela é diversa em suas significações, como pontuado por Duarte Júnior (2000, p. 25): “a arte não estabelece verdades gerais [...]”, ao se relacionar com a leitura do espectador, ganha múltiplas significações.

Como definido pelo filósofo alemão Ernst Cassirer (1874-1945), que desenvolveu uma filosofia das formas simbólicas, o ser humano é um animal simbólico. Destarte, Cassirer destaca que a capacidade de simbolização do ser humano é o que o diferencia dos outros animais. Definir o homem apenas como animal racional é reduzir a capacidade humana, pois racionalidade e sensibilidade estão interagindo o tempo todo na constituição do mundo humano. Nas palavras desse filósofo:

[...] lado a lado com a linguagem conceitual, existe uma linguagem emocional; lado a lado com a linguagem científica ou lógica, existe uma linguagem da imaginação poética. [...] A razão é um termo muito inadequado com o qual compreender as formas da vida cultural do homem em toda a sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são formas simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como *animal rationale*, deveríamos defini-lo como *animal symbolicum* (CASSIRER, 2005, p. 49).

Nessa passagem de Cassirer, é possível perceber que a linguagem conceitual não é a única e muito menos a mais importante forma de expressão humana. A linguagem emocional e a linguagem da imaginação poética mencionadas por Cassirer estão diretamente conectadas às sensibilidades do ser humano e à sua racionalidade. E é nessas linguagens que se localiza o rico material de expressão da Arte.

Susanne Langer (1895-1985), especialista em filosofia da Arte, desenvolveu muitos dos seus conceitos a partir das ideias de Cassirer, especialmente em seu livro intitulado *Filosofia em Nova Chave* (2004, [1942]). Neste, ela afirma que a linguagem verbal é discursiva, pode ser organizada a partir de um sistema de signos linguísticos e representar verdades gerais. Já a Arte é presentacional, pois é fundamentalmente organizada por elementos simbólicos para ser expressa. Elementos estes carregados de subjetividade e de sensibilidades, levando o receptor a múltiplas interpretações do conjunto de símbolos expressos na obra de Arte (ou no espetáculo teatral), ou seja, não estabelece verdades gerais. A Arte não tem uma interpretação única como pode ocorrer no sistema dos signos linguísticos. Langer (1962) esclarece:

Tão logo as formas naturais da experiência subjetiva sejam abstraídas ao ponto da apresentação simbólica, podemos utilizar essas formas para imaginar o sentimento e entender-lhe a natureza. O autoconhecimento, a intuição de todas as fases da vida e da mente, surge da imaginação artística. Eis aí o valor cognitivo das artes (LANGER, 1962, p. 89).

A autora apresenta, portanto, a relevância da Arte para a vida do ser humano, pois, segundo ela, é a imaginação artística que vai ajudar o indivíduo a se conhecer melhor e a conhecer o mundo ao seu redor, porque é uma educação do sensível. Langer (1962, p. 90) chega a afirmar que “[...] um generalizado descaso pela educação artística equivale a descaso pela educação do sentimento”. O processo educativo da Arte é essencial para formação integral do sujeito, pois atua diretamente com as sensibilidades do indivíduo na forma de expressão/comunicação tão cara a essa área do conhecimento: a expressão do sensível.

Nos primeiros anos de vida, quando o ser humano ainda não tem a apropriação da linguagem verbal, a função simbólica é explorada, experimentada e torna-se a

principal forma de o sujeito relacionar-se com o mundo à sua volta. A capacidade simbólica está mais conectada às sensibilidades humanas do que à racionalização. Como afirma Pesavento: “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 2). Eu diria que as sensibilidades são a primeira forma de o sujeito *ser* e *estar* no mundo, pois a apropriação do mundo pela criança dá-se primeiramente a partir das sensibilidades.

Com o desenvolvimento humano, essa capacidade simbólica e sensível vai sendo cada vez menos explorada. O próprio sistema educacional vai deixando de lado a articulação com a função simbólica. Na escola, geralmente, os educandos são bem estimulados em todas suas capacidades simbólicas e sensíveis até os seis anos (Educação Infantil). A partir dos sete anos (geralmente a entrada no Ensino Fundamental), mudanças drásticas na educação começam a ocorrer, dicotomizando o racional e o sensível. O racional é priorizado, uma vez que passa a ser dedicado um tempo cada vez maior a ele; e o sensível, o tempo reduzido. Assim, a educação do sensível, a função simbólica do ser humano vai sendo reprimida, e o sujeito cada vez menos consegue lidar com suas sensibilidades, pois esse processo é interrompido na infância.

Ao chegar ao Ensino Médio, na adolescência, a função primordial da educação escolar passa a ser o racional, não reservando espaço de articulação entre racional e sensível, pois o objetivo maior é “treinar” os educandos para serem aprovados no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio –, no vestibular e pleitearem uma vaga universitária. Tão atual e real é a constatação de que é suficiente fazer a leitura da BNCC – Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio⁵, cujo texto prioriza essencialmente o Português e a Matemática em detrimento evidente das outras áreas do conhecimento.

Com a Educação no formato de extrema priorização do racional em detrimento do sensível, temos consequências graves: sujeitos que se sentem incapazes de atuar no mundo competitivo que os rodeia; seres humanos que, frequentemente, adoecem por não conseguirem organizar e expressar suas sensibilidades; pessoas com formação acrítica, submissa, desimaginativa; pessoas facilmente influenciáveis pela visualidade midiática que os rodeiam. Há a necessidade da educação do sensível no sistema educacional, pois, retomando Cassirer, o homem é um animal simbólico, e a educação

⁵ Homologada no dia 14/12/2018. Disponível para consulta no site do MEC: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio>. Acesso em: 06 jun. 2021 às 9:32.

precisa urgentemente reconhecer isso, priorizando a educação do sensível tal como prioriza a educação racional.

Não nos expressamos apenas pela linguagem verbal, e a Arte, mais do que as outras áreas do conhecimento, trabalha diretamente com a expressão simbólica sensível. A Arte ensina o ser humano a organizar suas sensibilidades em forma de expressão, em algo concreto e simbólico que não seja necessariamente a linguagem verbal. Aprender a perceber as sensibilidades e a compreender que não existe uma única forma de nos expressarmos é fundamental para a formação do sujeito. Tão importante quanto a linguagem verbal são as múltiplas formas de expressão que o ser humano possui, e cabe à Educação explorar essa multiplicidade para, assim, garantir a formação integral do sujeito efetivamente.

REFERÊNCIAS CITADAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 15. edição. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1938] 1971.

DUARTE JR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, p. 234. 2000. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253464> Acesso em: 05 de maio de 2021 às 10:05.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. In: O que é memória social? Páginas 19-40. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, Edição Especial ‘Por que Memória Social?’ v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.PDF Acesso em: 05 de maio de 2021 às 10:05.

LANGER, Susanne. **Filosofia em Nova Chave**. 2. edição. Tradução: Janete Meiches e J. Guins-burg. São Paulo: Perspectiva, [1942], 2004.

LANGER, Susanne. **Ensaio Filosófico**. Tradução: Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1962.

RAMALDES, Karine; CAMARGO, Robson Corrêa. **Os Jogos Teatrais de Viola Spolin: Uma pedagogia da experiência**. Goiânia: KELPS, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/40155179/Os_Jogos_Teatrais_de_Viola_Spolin_Uma_pedagogia_da_experi%C3%Aancia?fbclid=IwAR2GdLwB37wqH7JeL2Ox-f5G_VbThcUGxILwIoEdx0fkFuTbjJelcKrfSa4 Acesso: 05 de abr. de 2021 às 11:10.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005. URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229> DOI: 10.4000/nuevomundo.229. Acesso em: 11 maio 2009.